

RESUMO/ ABSTRACT

DE ANNEMARIE SCHWARZENBACH A MELANIA

MAZZUCCO: A FORÇA DA PALAVRA ESCRITA

A vida da jovem escritora suíça Annemarie Schwarzenbach e seu percurso pelo mundo em busca de sua identidade é o mote do romance biográfico *Lei così amata*, da escritora italiana Melania Mazzucco. Neste estudo, focalizamos o entrelaçamento das vozes dessas duas escritoras, separadas no tempo por mais de seis décadas. Ambas demonstram, por meio de suas narrativas, a paixão pela escrita e a força transformadora das viagens, reais e metafóricas, empreendidas pela mulher na luta por seu lugar no mundo.

Palavras-chave: Mazzucco; Schwarzenbach; mulher; viagem.

FROM ANNEMARIE SCHWARZENBACH TO MELANIA

MAZZUCCO: THE POWER OF THE WORD

The life of young Swiss writer Annemarie Schwarzenbach and her journey through the world in search of her identity is the motto of the biographical novel *Lei così amata*, from Italian novelist Melania Mazzucco. In this paper, we focus on the speech intertwining of those two writers' voices, separated in time by over six decades. Both authors demonstrate, through their narrative, a passion for writing and the transformative power of both real and metaphoric travels, undertaken by women in their struggle for a place in the world.

Keywords: Mazzucco; Schwarzenbach; travel; woman.

**DE ANNEMARIE SCHWARZENBACH A MELANIA MAZZUCCO:
A FORÇA DA PALAVRA ESCRITA**

Sara Debenedetti

Doutora em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo-USP, São Paulo-SP
s.debenedetti@usp.br

Angela Sivalli Ignatti

Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo-USP, São Paulo-SP
angelaignatti@usp.br.

Pouco conhecida é, até agora, a escritora suíça Annemarie Schwarzenbach, que viveu na primeira metade do século XX. Suas obras estão sendo publicadas e traduzidas ou republicadas nestes últimos anos, pois seus textos, em grande parte, estavam disponíveis em artigos de jornais da época. Desceu sobre ela um profundo silêncio, após sua morte, a pedido da família e da mãe, especialmente, a qual foi responsável pela destruição de muitos de seus escritos.

O interesse suscitado em estudiosos, historiógrafos e escritores nestes últimos anos é devido indubitavelmente à sua figura pouco comum de mulher, inserida no panorama do mundo em que viveu e sobre o qual escreveu; um mundo às vésperas da Segunda Guerra Mundial que seus textos oferecem por meio de uma prosa intensa e concisa. A esses textos, acrescentam-se milhares de fotografias, com as quais Schwarzenbach acompanhava suas reportagens jornalísticas dos quatro continentes: Europa, Ásia, América e África.

Entre as escritoras que se interessaram por Schwarzenbach, está a romancista italiana Melania Mazzucco. Essa autora, em seus romances, resgata da história personagens reais esquecidas, com uma atenção especial às figuras femininas. É o caso de *Lei così amata*, cuja protagonista é exatamente Annemarie Schwarzenbach. O romance se apresenta, portanto, como uma leitura, interpretação e reescrita da vida de Annemarie por meio de seus textos e de suas fotos. O plano da escrita de Mazzucco se constrói, portanto, sobre o plano da escrita de Schwarzenbach.

Trata-se de estilos narrativos muitos diferentes, o de Schwarzenbach e o de Mazzucco. Apesar das personagens reais, da base biográfica da história, a obra de Mazzucco é uma obra de ficção, é um romance, com todos os aspectos que o caracterizam, em particular a construção da personagem e do enredo. A obra de Schwarzenbach é constituída principalmente por relatos de viagem e reportagens jornalísticas, além de alguns contos. Porém esta é caracterizada por uma forte reflexão que, em certos casos, leva à introspecção. É sobre esse lado da escrita de Schwarzenbach, em particular, que se apoia a ficção de Mazzucco quanto à construção da personagem e do enredo, enquanto o lado mais objetivo dos textos são elementos fundamentais para o aspecto biográfico do romance. Mesmo com essas diferenças, podemos atribuir-lhes um aspecto comum, aquele que o crítico italiano Asor Rosa atribui em geral às romancistas: “As romancistas trazem de uma forma mais acentuada e corajosa a tematização da ‘subjetividade’ [...] é um ponto de vista, é um olhar diferente, a partir do qual se pode observar de outro modo todo o resto do mundo” (ASOR ROSA, 2001. Tradução nossa).

É por esse tipo de olhar “subjetivo”, por esse ponto de observação do mundo que as duas escritoras se encontram na palavra escrita, e é sobre esse mesmo ponto que pretendemos nos deter neste breve estudo.

São claros os dois planos sobre os quais se constrói o romance de Mazzucco: o da própria romancista, e o de Schwarzenbach. Mas, para as duas, parece existir um objetivo comum: o de compartilhar, através de suas escritas, a experiência da vida do outro, e, por meio dele, a sua própria. Talvez seja sempre esse o objetivo principal da narrativa em geral, porém é particularmente alcançado no caso das escritoras sobre as quais nos detemos aqui.

Compartilhar a vida dos outros, que é a “vida no mundo”, sempre foi objeto de escrita desde que a literatura era ainda calcada no mito, como explicam, de um lado, estudiosos de mitologia¹, e, do outro, filósofos e literatos. Depois do mito, a forma artística que, em maior medida, assumiu a tarefa de relatar esse viver no mundo é a literatura, sobretudo a narrativa. Com o tempo, afastando-se dos mitos primitivos, nem por isso essa narrativa muda o seu sentido principal, o da busca da experiência vivida. E, dessa busca, se incumbiram os historiadores, os filósofos, os romancistas. História e Literatura se juntaram, em certo sentido, no gênero da biografia, que é de grande relevância para a consciência ocidental. Assim sustenta o filósofo George Gusdorf em seus estudos sobre as narrativas do eu: “a vida é possível só a partir de documentos escritos; é a *graphê* que fundamenta a *bíos*” (GUSDORF, 1991, II. Tradução nossa). Ela permite conhecer a individualidade no seu devir histórico.

¹ Para a relação entre mito e arte, ver CAMPBELL. *The power of myth* (1988). Tradução portuguesa: *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2003.

O escritor Milan Kundera, no livro *L'art du Roman* (1986), diz “somos outros”, por um instante arrancados “da cronologia e da história” para nos tornarmos “cidadãos de uma pátria sem tempo”: eis o que o romance oferece, porque estabelece um diálogo que transcende as barreiras do tempo. Afirmções semelhantes foram repetidas pelo crítico Tzvetan Todorov no seu ensaio *La littérature en péril* (2007):

Se eu me pergunto hoje porque eu gosto da literatura, a resposta que encontro espontaneamente é: porque ela me ajuda a viver [...] me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com elas [as experiências vividas], me permitem compreendê-las melhor. [...] Mais densa, mais eloquente que a vida cotidiana, mas sem ser radicalmente diferente, a literatura aumenta nosso universo, incitando-nos a imaginar outra maneira de concebê-lo e de imaginá-lo. Nós somos feitos do que nos dão os outros seres humanos [...]; a literatura abre até o infinito esta possibilidade de interação com os outros e, portanto, nos enriquece infinitamente (TODOROV, 2007. Tradução nossa).

É esse tipo de enriquecimento que Schwarzenbach nos oferece em sua escrita de viagem, a qual tem uma ligação estreita com seu olhar através da lente objetiva da câmera fotográfica. Suas palavras correm atrás de imagens de paisagens naturais e humanas, ao percorrer os imensos espaços dos continentes que atravessa, detendo-se sobre as particularidades que chamam sua atenção e estimulam suas reflexões. Eis a razão de suas viagens se tornarem meio para conhecer a voz do outro, a qual reflete a voz de si própria. E tanto mais aguda é a observação do outro, tanto mais penetrante, e às vezes devastadora, se torna a observação dessa autora sobre si mesma. Eis a razão de suas viagens constituírem o objeto privilegiado do enredo e corpo central do romance da italiana Melania Mazzucco.

O romance biográfico *Lei così amata* procura entrelaçar as diferentes funções que o viajar possui para a protagonista (afastar-se da mãe controladora e da família, pôr-se à prova longe da segurança de seu país, conhecer e fazer conhecer outras realidades históricas, sociais e econômicas), sendo que o fio condutor de suas viagens acaba por ser o encontro consigo mesma, o amadurecimento de sua autoconsciência e a realização de sua vocação, a escrita. Annemarie se torna aquela viajante que, nas palavras do escritor e teórico italiano Claudio Magris, ao estudar o papel do viajante na literatura, “atravessando o mundo – viajando pelo mundo – descobre sua própria verdade” (MAGRIS, 2006. Tradução nossa).

Antes de observar exemplos da produção textual de Schwarzenbach, os quais consideramos importantes para o desenvolvimento da personagem do romance de Mazzucco, cabe lembrar que a maioria de suas reportagens foi demandada por jornais e revistas suíças, que os publicaram: *National-*

Zeitung, Neue Zürcher Zeitung, Die Weltwoche, a revista *Zürcher Illustrierte*, além das revistas literárias de exílio como a *Sammlung*, a *Interational Literatur. Deutsche Blätter e Mass und Wert*. Schwarzenbach, portanto, fez parte importante do jornalismo suíço dos anos 1930 e 40, o qual, quando de caráter político, era mais privilégio de homens. Algumas matérias foram recusadas na época, ou porque eram objetivas, mas politicamente incorretas ou, pelo contrario, porque eram impregnadas de subjetividade. De qualquer forma, sendo sua vocação profundamente literária, a maioria de seus textos pode ser considerada dentro da fecunda literatura de viagem que se desenvolve no perturbado período da primeira metade do século XX, especialmente entre as duas grandes guerras.

A seguir, há algumas descrições, observações e reflexões feitas por Annemarie durante sua primeira viagem pelo Oriente Médio, em seguida recolhidas e publicadas com o título *Winter in Vorderasien* (1934), *Inverno no Oriente Médio* (2008). Observamos seu olhar aberto, poético, respeitoso, mas também profundo, crítico, em constante reflexão tanto sobre a história passada – que ainda tão intensamente era percebida nos países da Ásia – quanto sobre a história recente e a atualidade político-econômica da época. Apesar da base fundamentalmente realista, seus escritos têm um caráter bastante subjetivo, como vemos a seguir:

Istambul, 15 de outubro de 1933.

Vimos tudo o que se conhece há muito tempo: o Oriente das mil cores, este Mundo-que-conserva-sempre-sua-parte-de-estranhamento. Talvez conseguimos tirar uma linda foto do homem velho sentado no pátio da mesquita de Bayazid: vestido de um manto gasto de um vermelho pálido, a mão estendida para negociar ou receber algum dinheiro, com a dignidade de um alto cargo, dirigindo sobre nós seu olhar repleto de sabedoria e daquela resignação que o sofrimento ensina, e totalmente despido de desprezo (SCHWARZENBACH, 2008, p. 24. Tradução nossa).

Ancara, 26 de outubro de 1933.

Estradas asfaltadas conduzem da nova capital à estepe, a estas extensões de terra escura e de pântanos onde não cresce nada. Uma infinita diversidade de cores ilumina os horizontes longínquos, e o mesmo céu, tão vasto quanto o é sobre o mar, estende sobre esta região desolada sua abóbada de seda transparente estriada por longas nuvens. É uma paisagem de alta montanha completamente desértica: entre os últimos cumes planos do mundo, a estrada leva ao desconhecido, onde se corre eternamente em círculos [...]

É a estação quando as grandes caravanas partem em direção à lagoa salgada e atravessam os altos platôs desérticos para levar nos vilarejos dos homens o branco sal que o verão transformou em crosta. Uma partida que não obedece a nenhum calendário e que se parece com as migrações de pássaros e de rebanhos. Estes

povos, circundados por uma natureza austera e terrivelmente potente, conservam o senso da necessidade e uma religiosidade submissa às forças da terra e do céu. Aqui se dá menos valor à vida individual, se age sem pressa nem ambição; mas o que tem a ver com acontecimentos realmente importantes, prescritos pelas necessidades naturais, se cumpre com a gravidade indefectível que caracteriza um ato religioso (SCHWARZENBACH, 2008, p. 29 e 30).

Beirute, 23 de janeiro de 1933.

Aqui está o maior perigo de uma longa viagem: como nós estamos sempre prontos a partir ou ocupamos nosso tempo de modo útil e sem desânimo até a próxima partida, e fazemos as contas cada vez como se fosse a última, nós nos deparamos com a ideia que deste jeito passem dias e depois meses, e que uma vida inteira se componha de um pequeno número de empreendimento deste tipo. Sim, todo este tempo passando desvela, de maneira apenas um pouco menos disfarçada e concentrada, a maneira como nós vivemos nossa vida: no começo, na exuberância, com uma multidão de grandes projetos, mas logo nós nos satisfazemos com o que realizamos ao viver, e raramente alcançamos um alvo bem determinado, e mais raramente ainda somos certos de seu valor, preocupados como somos em conservar nossa dignidade interior e exterior e, além disso, de estar em harmonia com o que nós amamos – o que já é muita coisa. [...]. É a condição do mundo que confere uma consciência dos perigos, das casualidades e das restrições que intervêm ao longo de uma breve vida. Sabemos que o mundo se encontra na véspera de perturbações inevitáveis e profundas, mas ignoramos como as enfrentaremos. E somos gratos para cada episódio sem armadilhas e de paz relativa (SCHWARZENBACH, 2008, p. 110, 111. Tradução nossa).

Frequentemente podem ser encontrados, nos artigos de Schwarzenbach, reflexões sobre o sentido de viajar. Durante a sua estada no Afeganistão, junto à viajante suíça Ella Maillart, ela lembra como o mistério, a magia de um nome geográfico aprendido na escola precisa ser verificado com os próprios olhos. O respirar daquele local, a presença viva, isto para ela constituía um estímulo para iniciar a suas viagens, “parti não para conhecer o medo, mas para verificar o conteúdo desses nomes e para sentir sobre meu corpo a magia deles” (SCHWARZENBACH, 2002, p. 52).

Na reportagem “A estepe”, publicada em novembro de 1939 na *National-Zeitung*, ela escreve:

“Nossa vida assemelha-se a uma viagem...” e deste modo a viagem me parece, mais do que uma aventura e uma excursão a lugares inusitados, uma imagem concentrada da nossa existência: [...] achamos ter construído a nossa morada de uma vez por todas, somos induzidos facilmente a crer na estabilidade, o que leva alguns à problemática do envelhecimento, outros a ver de modo catastrófico todas as mudanças do mundo

externo. Esquecemos que se trata do curso da vida, [...]. A viagem, porém, revela um pouco o mistério do espaço. Uma cidade de nome mágico e irreal [...] se torna real quando nós entramos e tornamo-la viva com nossa respiração. [...] Durante a viagem, a realidade muda junto com as montanhas, os rios, a arquitetura das casas, a disposição dos jardins, a língua, a cor da pele. A realidade de ontem ainda queima na dor da despedida, aquela de anteontem é um episódio concluído, [...] E enfim compreendemos que o curso de uma vida nada mais é que uma série limitada de “episódios” similares, [...]. A viagem é impiedosa, uma escola para nos acostumar ao inevitável curso da vida, ao encontro e à perda, [...]. (SCHWARZENBACH, 2002, p. 31- 33. Tradução nossa).

A viagem, com seus espaços diferentes, coloca o homem frente ao acaso – ou às escolhas, ou ao destino. Quando em Kabul, onde permanece por um certo tempo, tem uma casa, e acaba desenvolvendo hábitos cotidianos, Schwarzenbach reflete: “depende só do acaso se nós não passamos o resto da vida aqui: aqui ou alhures, na beira do mar Cáspio, por exemplo, onde o clima é infernal, o caviar custa meia dúzia de tostões e a malária é de graça” (SCHWARZENBACH, 2002, p. 33. Tradução nossa).

Vejam, por outro lado, alguns exemplos de como Melania Mazzucco descreve Annemarie ao longo das viagens ao Oriente, nas quais tempo e espaço têm um papel fundamental na construção da personagem. A escritora italiana parece construir em seu enredo um tempo ao qual podemos chamar de “tempo da reflexão”:

Atravessou as montanhas do Tauro, e no meio do caminho entre Antakya e Alepo ficou em Rihanie, onde [...] descobriu os fundamentos da arqueologia. [...] Ofereceram-lhe para que trabalhasse nas escavações de Ras Shamra – onde foi encontrado [...] o alfabeto mais antigo do mundo. [...] *Mas o alfabeto que Annemarie procura – uma língua primordial, universal – não está inciso sobre tábuas e não conhece signos.* Recusou o convite. *Partiu novamente* (MAZZUCCO, 2002, p. 128-9. Tradução e grifos nossos).

Na sequência, temos um exemplo de como os espaços têm seu sentido marcado na narrativa; as observações da narrativa permitem à personagem refletir sobre diferenças de costumes e condições de vida orientais e ocidentais, e como estes últimos apresentam contradições obscuras para ela.

Visitou a Babilônia, centro do universo, umbigo do mundo, [...]. Parou nas escavações de Warka, o Uruk da Bíblia. Os arqueólogos alemães trabalhavam na terra deserta. [...] Uruk – lhe disseram – é obra de Gilgamesh. *Pareceu-lhe ter entrado num universo mitológico, sorvida por um redemoinho do tempo.* E depois vieram *idades com mágicos nomes* – Havy, Kut, Ctesifonte – [...] Atravessou as montanhas do Kurdistão, [...] mais se sobe, e

mais a neve é alta. O frio é intenso e, para socorrer os viajantes bloqueados pela neve, de uma chaikané sai um curdo com a barba tingida de vermelho pela henna. Oferece-lhes um chá, mas para tantos viajantes ele trouxe um copo só. Annemarie hesita, mas o curdo limpa o copo com um trapo pretíssimo, e oferece-lhe com gentileza tão profunda que ela desiste do preconceito muito suíço da limpeza: no seu país as pessoas têm um medo quase patológico da sujeira – como da miséria, da fealdade e da desordem – e agora, de longe, *se pergunta se isso não significa uma certa forma de rejeição da vida* (MAZZUCCO, 2002, p. 129-30. Tradução e grifos nossos).

No trecho a seguir, evidencia-se a relação espaço externo/interno: a dimensão, extensão e vastidão da paisagem começam a suscitar o sentimento de ambiguidade da personagem, dividida, neste caso, entre admiração e desconsolo. Evidencia-se também a aridez e a esterilidade da paisagem, que se refletem no espírito de Annemarie: às vezes ela percebia que o deserto estava dentro dela.

Atravessou as montanhas do Elburz até o Mazandaran, na margem do Mar Cáspio, [...]. Andou pelo deserto de sal do Kewir. [...] Atravessou a nua extensão do planalto persa, [...] *de uma solidão e distancia infinita.* [...] *Às vezes a paisagem era tão completamente vazia, nua, despida de qualquer vegetação e os declives das montanhas tão desumanos, simples e grandes – tão estranhos, que pensou ser um inferno já pronto para suas vítimas.* [...] em plena primavera retomou o caminho em direção ao norte, a Pahlavi. [...] As ondas do Cáspio trouxeram-na até Baku [...]. Experimentou o obstáculo insuperável das barreiras linguísticas. [...] Até que, em maio de 1934, após mais de sete meses de afastamento, voltou para Bocken [a casa de família, na Suíça] (MAZZUCCO, 2000, p. 131-3. Grifos nossos).

Essas sequências narrativas de lugares e de tempo percorrido procuram evidenciar a desolação e ambiguidade das paisagens, e, em paralelo, a solidão da personagem; uma solidão sofrida, mas que não impede sua procura pelo outro, permeada pela observação e pelo tempo da reflexão, como o trecho seguinte evidencia:

[Annemarie] Acha que entende muito mais que ele a hierática preguiça daquela gente, a quem vai parecendo cada dia mais. Os Persas são um povo decaído e altivo, têm uma aparência séria e cheia de real dignidade – uma dignidade que o mundo ou a história talvez tivesse arrancado deles, mas só exteriormente. Annemarie os entende, e acha que também ela está no mundo do mesmo modo – *decaída de um certo paraíso* que cada dia se torna para ela sempre mais inacessível e do qual sente uma saudade sempre maior. Qual seria, porém, esse Paraíso, se aquele literal da Bíblia, aquele se sua infância, de sua inocência perdida ou apenas a Europa, ela não saberia dizer com exatidão (MAZZUCCO, 2000, p. 155. Grifo nosso).

O caráter intimista da escritora suíça nem sempre estava presente em seus textos. Evidenciamos nos trechos seguintes como Schwarzenbach, muitas vezes, era mais crítica, sobretudo em seus artigos jornalísticos que versavam sobre questões socioeconômicas. Por outro lado, mais adiante, vemos o olhar subjetivo que Melania Mazzucco nos expõe sobre partes dessa produção da jornalista Annemarie, nos quais observamos uma faceta de fragilidade e ambiguidade em relação à sua visão crítica da sociedade capitalista.

Em uma de suas viagens aos Estados Unidos, onde visita os estados do sul para reportagens sobre o efeito da grande crise de 1929, Schwarzenbach escreve, de modo mais objetivo do que pudemos ver nos excertos acima, denotando ali que seu interesse e seu compromisso são de ordem social. A reportagem da qual é extraído o trecho a seguir foi publicada em 1938 no jornal *Die Weltwoche* e incluído em *Jenseits von New York*²:

O estado [a Geórgia] viveu do algodão e morreu quando, com a grande crise, foram perdidos os mercados do algodão do além mar e os preços precipitaram incessantemente. Nos mesmos anos, 1932 e 1933, se difundiu a epidemia de bollweevil, que destruiu muitas plantações. [...] A população pobre, explorada, começou a compreender que a causa principal das opressões era o algodão e que o fim das plantações podia ser o começo da liberação.

Mas as coisas foram diferentes. A extrema pobreza do proletariado, a ignorância, a falta de um movimento organizado dos trabalhadores e o ódio dominante entre proletários brancos e negros atraíram no país a indústria. Salários baixos, ausência de sindicatos, sistema de polícia rígido e brutal: [...]. Hoje nos vilarejos operários predominam as mesmas condições das plantações e dos velhos centros industriais do Sul que lembram as descrições de Dickens do começo da industrialização.

Tive muitas dificuldades para obter a permissão de visitar uma fábrica têxtil na Geórgia. Tornei-me mais do que suspeita, com as pessoas gentis e cultas que me hospedavam, quando expressei o desejo de visitar uma fição. Quando depois fui visitar os setores de tecelagem, baixos, mal ventilados, sobreaquecidos e invadidos de fios de algodão como se fosse neblina, [...] Vi crianças de quatorze anos que faziam turnos de noite durante onze horas (SCHWARZENBACH, 2004, p. 151-2. Tradução nossa).

As palavras que através dos jornais Annemarie Schwarzenbach lançava contra a sociedade capitalista criavam os maiores conflitos com sua família. A força com a qual tocava seu trabalho de jornalista não era seguida por uma força similar quanto à capacidade de enfrentar o ostracismo dos

² Tradução italiana *Oltre New York*. Reportage e fotografie 1936-1938.

seus. Se os Estados Unidos se tornam para a Schwarzenbach a terra dos conflitos sociais e raciais, para a protagonista do romance de Mazzucco, *Lei così amata*, esse país é a terra dos piores conflitos com a família e, conseqüentemente, consigo própria. Em uma dramática passagem do romance, quando Annemarie sofre uma crise psicótica por causa da notícia da morte do pai e é sedada, a voz do narrador mistura-se a duas outras vozes, à do pai, Alfred, e àquela de Annemarie, ou melhor, de sua consciência, evidenciada pelo uso da segunda pessoa do singular. A rápida passagem entre uma voz e outra, sem solução de continuidade, sublinha o particular estado em que se encontra a protagonista: entre a vigília e o sono, estado que favorece o livre desdobramento da consciência.

Nos trechos que se seguem Mazzucco cria o episódio no qual pai e filha se encontram, em sonho, um frente ao outro, dialogando como nunca fizeram. O diálogo assume às vezes os tons de uma discussão violenta na qual um acusa a outro:

Oh, mas tu és uma jornalista, tu estás do lado dos oprimidos, o governo de Roosevelt ofereceu a honra de enviar-te para documentar a depressão na América, tu apenas tiraste fotos, apenas entrevistaste pobres que foram para a cadeia porque defendiam seu lugar de trabalho — é isso que queres me dizer? Que coisa comovente! Quanto te ofendem a miséria e a fome — [...], as fábricas que fechamos porque não rendiam mais [...] Eu sei o que tu pretendias me dizer com aquelas boas palavras. Que eu, teu pai, sou um explorador, um carrasco capitalista. Mas o que tu sabes sobre isso, Anne? Tu produziste algo na tua vida? [...] Sabes como funcionam as máquinas têxteis? Sabes o que quer dizer bobinar as meadas? [...] Não, por acaso tu te importas com isso? És uma jornalista de esquerda. Ocupas-te dos grandes problemas do mundo (MAZZUCCO, 2000, p. 207).

Ao dormir, Annemarie escuta as palavras do pai que a acusam por tudo o que ela fez, e não fez, pelo seu trabalho e por seus ideais socialistas, contrários ao espírito elitista da aristocrática família Schwarzenbach. Confundem-se, nesse episódio, as vozes do pai e da filha, a qual se acusa pela morte dele, isto por causa do remorso que sente em relação às contrariedades que causou a Alfred.

Alfred, com os anos, tinha se tornado para ela um estranho, quase um inimigo. Mas *sua morte teve o efeito de um terremoto* sobre Annemarie. O rosto sombrio de seu pai a perscrutava da primeira página da *Neue Zürcher Zeitung*. *Eu o matei — ela se repetia, deixando que suas lágrimas descessem sobre seu rosto sem secá-las. Eu também matei meu pai. Matei tudo o que ele amava.* E revia obsessivamente Alfred, que no salão de Bocken agitava o *National Zeitung*, no qual, por semanas, aparecera sua reportagem dos Estados Unidos. Um jornal que Alfred e Renée definiam “folha escandalizadora cheia de inexatidões, orientado em uma só

direção”, “antisuíça”. Ela assinara a reportagem com um pseudônimo, porque seu nome não lhe pertencia mais do que a fábrica (MAZZUCCO, 2000, p. 207. Grifos nossos)

Quando Schwarzenbach, em 1941, embarca para o Congo Belga, ela está novamente encarregada de escrever reportagens, descrevendo a paisagem e a população nativa daquele país. Ela se embrenha na floresta, sozinha, e sobe o curso do rio Congo. Sua escrita, mais uma vez, assume outro caráter. Os trechos a seguir são extraídos de artigos publicados nos jornais suíços. Neles podemos observar como o texto de Schwarzenbach se torna mais subjetivo em uma situação onde ela vive o fascínio pela exuberância da floresta equatorial africana intocada, juntamente com a saudade dos mundos que fazem parte de sua história, de sua vida:

Depois de subir por sete dias o rio Congo, sobre um pequeno navio, achava que já conhecia a floresta africana e seu aspecto geral, parecido com um mar verde profundo, ondulante, que, naqueles dias, transformara-se para mim em um sonho opressor. [...] Pensei que aqui, para sobreviver, precisaria enfrentar uma luta contra a floresta, uma luta contra os elementos, uma luta primordial para a existência. [...] queria alcançar o coração da floresta equatorial africana que até aquele momento tinha só observado, como se fosse um quadro. [...] Durante uma viagem deste tipo se conhece de verdade o medo. [...] a estrada através da floresta é só uma trilha aberta pelos negros com o machado [...] se tem menos medo que da mesma estrada, que penetra sem saída numa sombra silenciosa. As árvores se fecham sobre você, é difícil respirar, o calor úmido, pegado, penetra pelos poros da pele, folhas cortantes de palmeiras e cipós, e até de repente troncos de árvores, ocupam a trilha, [...] o ar, sem cor, se estende como um véu d'água sobre os olhos. Avança-se como no fundo do mar e se continua avançando, hora após hora, sem que um sopro de vento ou um raio de luz irrompa no silêncio profundo, o verde, habitualmente tão refrescante, se torna opressor, gostaria de ver um pouco de deserto branco, um braço de mar, uma estepe amarela, a Via Láctea na abóbada celeste (SCHWARZENBACH, 2001, p. 327, 329-30. Tradução nossa).

A intensíssima e profunda experiência pessoal que Schwarzenbach vive no Congo Belga não lhe impede de continuar seu trabalho jornalístico: afinal, era esse seu ofício, como ela mesma testemunha no trecho a seguir:

Quando um dia o diretor da Otrako, em Léopoldville, me disse que tinha um ticket de service para mim, para o dia seguinte, num navio de oitocentas toneladas, ainda não sabia o que significava adentrar-se tão profundamente nesse país. Entendi apenas que deveria partir e que estaria de novo sozinha. Essa ideia

particularmente não me agradava, contudo o meu trabalho consistia exatamente em conhecer o interior dos países e amar-lhes sinceramente para poder descrevê-los às outras pessoas (SCHWARZENBACH, 2001, p. 326. Tradução nossa).

Schwarzenbach cumpria seu ofício de jornalista com a mesma sinceridade e a honestidade com a qual escrevia seus contos ou seus diários de viagem. Isso porque achava que, mesmo quando escreve sob demanda, o escritor deve falar das suas premências internas e alcançar seu coração.

Mazzucco captou bem este aspecto de sua personagem e lhe atribui esta característica que pode ser vista, por exemplo, em alguns momentos de sua ida à África. Como ponto culminante de uma trajetória de viagem metafórica e não exatamente dentro da floresta equatorial, Annemarie, enquanto personagem de Mazzucco, alcança a liberdade de viver e de escrever:

Escrevia o dia todo, até que a mão endurecia-se em cãibra e toda a tinta secava-se na fita da maquina de escrever. Escrevia — nada mais — possuía. [...] Tentava arrancar as palavras de seu silêncio; e mais escrevia mais queria escrever. [...]. Vivia escrevendo — escrevia vivendo. Não tinha outra coisa. (MAZZUCCO, 2000, p. 342-3).

Mazzucco, em seu romance, dá voz à paixão de Annemarie pela escrita. É graças a essa paixão que a jovem se lança em inúmeras incursões audaciosas por lugares que até hoje são inóspitos e onde a mulher tem pouca penetração. Contudo, parece-nos que, ao dar essa voz à sua personagem, Mazzucco revela a própria paixão pelo ofício da escrita. Ao escolher narrar as viagens de Annemarie e ressaltar seu ímpeto, sua coragem, a escritora italiana faz a voz da primeira, dando continuidade da palavra de uma escritora na outra.

A viagem, seja real, seja metafórica, constitui a trajetória da heroína de *Lei così amata*. O papel da viagem na literatura, de maneira geral, é conduzir a personagem no seu processo de autoconsciência, o qual desembocará na sua formação como indivíduo e como parte de uma sociedade. Nas andanças de Annemarie se constitui o processo de aprimoramento da sua identidade e da sua escrita, e nas incursões metafóricas de Mazzucco nos textos escritos por Schwarzenbach e nos de outras referências históricas e biográficas da protagonista (contos, cartas, fotos, entre outros) podemos perceber um espelhamento das duas escritoras, o que resulta na força da narrativa de Mazzucco.

A escritora italiana nos permite esse novo olhar sobre a obra da escritora suíça, recompondo-lhe a voz. E essa voz tem muito a dizer, muito a compartilhar ainda no século XXI, porque muitas das batalhas que Annemarie viveu por seu desejo de ser escritora, de ter independência financeira, de

encontrar seu lugar num mundo em constante transformação, fora dos limites do casamento e da maternidade, representam ainda a força e o poder de superação da mulher.

Na verdade, Melania Mazzucco, ao tratar de Annemarie Schwarzenbach em busca de sua identidade, retrata o destino não de um indivíduo em sua época, mas do destino da mulher, em transformação por meio da palavra escrita. Palavras essas que parecem dar continuidade a um processo de criação literária o qual, parafraseando Todorov, nos ajuda a viver, nos faz descobrir mundos que colocam em continuidade as experiências vividas, nos permitem compreendê-las melhor, nos enriquece infinitamente.

Notas biográficas sobre Annemarie Schwarzenbach e Melania Mazzucco

Annemarie Schwarzenbach (Zurique, 1908 – Sils, 1942). Foi escritora, jornalista e fotógrafa, filha de rico empresário suíço do setor têxtil. Nos anos 1930 viajou frequentemente pela Europa (Pireneus, Moscou, Dáncica, estados bálticos, Viena, Praga), assistindo, e testemunhando, com seu trabalho, às mudanças europeias e à progressiva ascensão do nazismo. Nos mesmos anos viaja pelos Bálcãs, Ásia Menor, Oriente Médio, Pérsia, Afeganistão, onde trabalha também como arqueóloga. Viaja também aos Estados Unidos, para realizar reportagens nos estados do Sul. Último continente, a África, foi onde – em 1941 – tentou se juntar às forças da França Livre. Em 1942, planejava regressar a Portugal como correspondente da imprensa suíça, mas morre acidentalmente em seu país natal.

Melania Mazzucco (Roma, 1966). É destacada romancista italiana. Publicou *Il bacio della Medusa* (1996), *La camera di Baltus* (1998), *Lei così amata* (que venceu o Prêmio Vittorini 2000), *Vita* (que venceu o Prêmio Strega 2003), *Un giorno perfetto* (2005), transposto em filme pelo diretor Ferzan Ozpetek (2008). Traduziu a coleção de contos de Annemarie Schwarzenbach *La gabbia dei falconi* (2007). Seu último romance biográfico, *La lunga attesa dell'angelo* (2008), narra a vida do pintor italiano Jacopo Tintoretto. Sobre a vida desse pintor na Veneza do século XVI, escreve também a biografia *Jacopo Tintoretto e i suoi figli: biografia di una famiglia veneziana* (2009).

Referências bibliográficas

ASOR ROSA, Alberto. “*La storia del ‘romanzo italiano’? Naturalmente, una storia ‘anomala’*”. In: MORETTI, F. (a cura di). *Il romanzo*. Torino: Einaudi, 2001. p. 293.

CAMPBELL, Joseph. *The power of myth*. [Trad. portuguesa: *O poder do mito*]. São Paulo: Palas Athena, 1991.

GUSDORF, George. *Auto-bio-graphie. Ligne de vie II*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.

KUNDERA, Milan. *L'art du Roman*. Paris: Gallimard, 1986.

MAGRIS, Claudio. *L'infinito viaggiare*. Milano: Mondadori Oscar, 2006.

MAZZUCCO, Melania. *Lei così amata*. Milano: Rizzoli, 2003.

SCHWARZENBACH, Annemarie. *Dalla parte dell'ombra*. Milano: Il Saggiatore, 2001.

_____. *Jenseits von New York*. [Trad. italiana *Oltre New York*]. Milano: Il Saggiatore, 2004.

_____. *Winter in Vorderasien*. [Trad. francesa: *Hiver au Proche-Orient*]. Paris: Éditions Payot, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *La littérature en péril*. Paris: Flammarion, 2007.

Recebido em 17 de fevereiro de 2011

Aprovado em 26 de abril de 2011